



2004/03/21

## A TURQUIA E A UNIÃO EUROPEIA

*João Vieira Borges*

“Peace at Home, Peace in World” (Kemal Atatürk)

Escrevi recentemente, a propósito da Política Comum de Segurança e Defesa (PESD) (que faz parte integrante da Política Externa e de Segurança Comum - PESC), que seria importante equacionar na matriz de segurança e defesa europeia, o alargamento aos novos países europeus (para além dos 25, em Maio de 2004), onde se deveria incluir “inevitavelmente” a Turquia, nas minhas palavras de então “uma das chaves da Segurança Europeia”.

Com a convicção de que a entrada da Turquia na União constituirá “um pequeno passo para a Paz na Europa e no Mediterrâneo e um grande passo para a Paz no Mundo”, mas com a consciência das dificuldades que aquele País enfrenta em termos económicos, políticos e sociais, fui questionado por alguns amigos (as) e camaradas sobre esta questão, logo depois dos ataques terroristas do 11 de Março em Madrid.

Tentarei então, nas próximas linhas, justificar ainda com mais (e espero que melhores) argumentos, a minha posição relativamente à importância da entrada da Turquia na UE, posição consolidada com as últimas informações obtidas no âmbito de uma muito recente visita à União Europeia (Comissão e Parlamento) e à NATO, como auditor do Curso de Defesa Nacional.

A Turquia (ver em <http://www.mfa.gov.tr/>), sendo o caso mais complicado da adesão em termos económicos e de direitos humanos, é um País simultaneamente asiático e europeu (é sobretudo Mediterrâneo Oriental), e tem uma superfície de cerca de 780.576 km<sup>2</sup> (8 vezes Portugal e 15% da União) e uma população de 69,2 milhões de habitantes (só inferior aos 82 milhões de alemães na UE). Por outro lado, mas não menos importante, nunca devemos esquecer que a Turquia é um membro chave da NATO desde 1952, e que já apresentou a sua proposta de adesão à União em 1963!

Tendo como maiores parceiros comerciais a Alemanha, os EUA, a Itália e a França, a Turquia, e sendo uma república laica musculada, presidida por Ahmet Necdet Sezer, e governada por Recep Erdogan, continua empenhada na adaptação aos critérios europeus (já faz parte da união aduaneira) e esperançada numa resposta positiva da União até ao final do ano de 2004. O Conselho Europeu de Helsínquia (Dezembro de 1999) afirmou que a Turquia era um País candidato à adesão com base nos critérios igualmente aplicados a outros candidatos e com as seguintes prioridades: reforma económica; reforço das capacidades institucionais e administrativas; mercado interno; justiça e assuntos internos...

Apesar das dificuldades sentidas para atingir os critérios económicos de Copenhaga, do FMI e do Banco Mundial (com valores de taxa de inflação da ordem dos 50% e saldo orçamental de – 28% do PIB), tem havido muitos apoios e alguma evolução (privatização de grandes empresas do Estado, maior transparências das finanças públicas...) que seria, com toda a certeza, cimentada pelo início formal de um processo de adesão, bem mais aliciante que a situação de expectativa vivida há cerca de 40 anos e por vezes assumida como “pressão europeia meramente social, étnica e religiosa”.

A decisão do início ou não do processo por parte da União Europeia, que terá de ser apresentada pela Comissão até final de 2004, terá grandes consequências na estabilidade política e social daquele País, mas também na da região, se, tal como se espera (e como me foi transmitido em Bruxelas, na Comissão) for positiva. Por isso, a Comissão não se pode circunscrever a decisões puramente economicistas, porque está em jogo frustrar ou não a esperança de um povo, que pretende também atingir bons níveis de desenvolvimento, e indicadores socioculturais que atenuem as diferenças mas, sobretudo, que acordem os mais desiludidos e os mais pobres, que são facilmente instrumentalizados por fundamentalistas religiosos para atingirem determinados objectivos políticos (caso de um regime islâmico) com acções que podem passar pelo extremo de acções terroristas.

É preciso que o povo turco continue a pensar que a vida é mais importante do que a morte. Mas também é preciso transmitir ao povo europeu, que baixar porventura alguns pontos percentuais do seu nível de vida, é aumentar o desenvolvimento e a paz de uma mais vasta região, é dar contributos significativos para que os valores europeus sejam transmitidos por solidariedade e não exclusivamente por interesse político, religioso ou militar...

Os europeus mais cépticos relativamente à integração da Turquia, argumentam com o desconhecimento das consequências da nova adesão a 25 (que vai alterar quantitativa e qualitativamente a União) e com o desajustamento, ainda grande, dos critérios económicos impostos pela UE. No entanto, dois outros critérios fazem também parte da sua argumentação: o regime algo afastado dos critérios democráticos europeus [1] e, por consequência directa, o desrespeito pelos direitos humanos (a situação dos 12 milhões de curdos e a pena de morte em tempo de crise ou de guerra); a situação de Chipre (que foi invadida pela Turquia em 20Jul1974), que será integrada na UE em Maio, sem o reconhecimento internacional da república Norte (ainda ocupada pela Turquia).

Os europeus mais optimistas, aos quais me associo (como Europeista convicto e Atlantista militante, das palavras do General Garcia Leandro...), argumentam a sua posição favorável à adesão com a maior importância das componentes política [2], estratégica, social (igual a estabilidade...) e mesmo militar (seriam as maiores Forças Armadas da União), relativamente à componente económica e financeira, independentemente de algumas consequências menos positivas a curto prazo para a riqueza (como pólo económico mundial) da União. Aceitar o início do processo de alargamento para depois de 2007 (data prevista a adesão da Roménia e da Bulgária), com alguma liberdade de acção para retardamento dos prazos, na sequência da imposição de determinados critérios económicos e políticos (alargues para 2010), e mesmo da estabilização do processo de alargamento a 27, é dar esperança a um povo que se aproxima a passos curtos, mas seguros, dos valores que a Europa defende com Paz e Bem-estar.

Com uma decisão positiva, necessariamente de grande unidade e coragem da União, a riqueza da organização supranacional aos olhos do Mundo seria muito maior, assim como o seu prestígio político, no âmbito de um processo que, tal como destacou recentemente o Dr. Freitas do Amaral [3] (obrigatório ler "A Hora da Europa", in Visão nº576, p. 70), contribuiria também para abrir um diálogo fecundo com o mundo islâmico (e não exclusivamente árabe) moderado e decisivamente para acabar com o terrorismo.

E se esta opção tem inevitáveis vantagens em termos políticos, tem também mais valias em termos sociais (aproximação pelo exemplo/desenvolvimento/educação/cultura, com solidariedade e não com armas) e de segurança e defesa [4] (neste caso o fortalecimento da componente militar da União). As questões relativas à Liberdade, Segurança e Justiça e muito particularmente à emigração e asilo, talvez a maior ameaça numa primeira fase em que choque económico fosse maior, poderiam ser negociadas em tempo, tal como se fez recentemente com os novos 10 membros da União (liberdades de circulação negociadas entre 3 a 7 anos...).

Depois de mais um ataque terrorista aos valores e interesses europeus, a 11 de Março em Madrid, a gestão do alargamento a Leste, por parte da União Europeia não deverá esquecer de que a balança da Paz e do Desenvolvimento se faz com prioridades económicas, orçamentais e institucionais, mas também com segurança (sem força militar não há, nem tem havido, política externa eficaz). Com esta abertura (mas com determinação na acção, em que a palavra negociação não faria parte do léxico Europa-Terrorismo), e com a consciência de que o seguidismo americano por parte da Turquia tem limites (caso da recusa de utilização de bases americanas em Março de 2003 no âmbito da invasão do Iraque), a Europa estaria necessariamente mais preparada para, nas palavras do senhor PESC, "assumir a sua parte de responsabilidade na segurança global e na criação de um mundo melhor». Estas palavras, mas sobretudo a percepção das acções que terão lugar na União, e em particular a integração da Turquia como membro de pleno direito, seriam certamente bem recebidas pelo carismático fundador da "nova Turquia", o falecido Kemal Ataturk...

Portugal, sobretudo em função da sua posição geopolítica, não pode deixar de ter uma posição interventiva em todo o processo de adesão dos novos membros e, em particular, no da Turquia, no sentido de salvaguardar os seus interesses como Estado soberano. O assumir de que será o menor beneficiário do alargamento, deve constituir um incentivo para a negociação de apoios estruturais de diversos tipos em todos os processos negociais consequentes. Se o alargamento da União a 27 países, pode colocar Portugal numa posição ainda mais periférica, a adesão da Turquia agravará ainda mais essa situação, o que por outro lado alarga o nosso espaço de intervenção do investimento, da segurança e do desenvolvimento, numa visão mais alargada do Mundo...

Porque também temos tido os benefícios da União desde 1986, aceitemos os novos parceiros, com rigor, e saibamos lutar, com determinação, pela busca de novos caminhos que levem a uma nova Europa alargada de Povos, de Paz e de Desenvolvimento...

[1] De acordo com o relatório da Comissão Europeia sobre os progressos de adesão divulgados em Outubro de 2002, ainda existem limitações: na liberdade de expressão, de manifestação, de associação e de religião; nos regulamentos e práticas administrativas; na liberdade dos detidos por

delitos de opinião...

[2] A Turquia adoptou recentemente um novo código civil, em Novembro de 2001 (aboliu a pena de morte em tempo de paz, reformou o sistema prisional e concedeu maior liberdade de imprensa...). Em 2003, o Parlamento aprovou uma lei que reduz a capacidade de intervenção dos militares na vida política e que oferece parcial amnistia aos membros do PKK")

[3] Para quem “A unidade europeia é a resposta a esta grande ameaça externa (do terrorismo). Não para recomeçar as cruzadas contra o Islão, mas para nos defender do terrorismo dos fanáticos e para abrir um diálogo fecundo com os árabes (eu diria islâmicos) moderados – que os há, e muitos.

[4] Que não seria incompatível com “a vontade europeia em ter uma voz na segurança e defesa do seu espaço”, “a necessidade da Europa se aproximar, no seu conjunto e de maneira integrada, dos investimentos realizados pelos EUA em matéria de defesa e de Investigação e Desenvolvimento (I&D)”, “a importância de complementar as forças e acções da NATO”, “a intenção de limitar a extensão do processo a Forças de Reacção Rápida ou aos novos Grupos de Batalha, e nunca de o estender a um Exército Europeu com identidade própria.”

## **41 TEXTOS RELACIONADOS:**

**2011/10/14**

### **A NATO E A PCSD DA UE, NO PÓS LÍBIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/03/20**

### **O DESTINO DE KHADAFI E A SEGURANÇA EUROPEIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/12/19**

### **A UE E O FUTURO DA COOPERAÇÃO ESTRUTURADA PERMANENTE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/10/09**

### **A SEGURANÇA ENERGÉTICA DA EUROPA E A NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/07/09**

### **A INTERVENÇÃO MILITAR DA OTAN NA JUGOSLÁVIA[1]**

*Carlos Ruiz Ferreira[2] (Brasil)*

**2010/03/15**

### **AS RELAÇÕES NATO/UE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2009/04/07**

### **A SOLUÇÃO POLÍTICA PARA O AFGANISTÃO E A UE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2009/04/02**

### **A REFORMA DA SEGURANÇA E DA DEFESA NA GUINÉ-BISSAU – O APOIO DA UNIÃO EUROPEIA**

*Luís Marquês Saraiva[1]*

**2009/03/31**

### **REFORMA DO SECTOR DE SEGURANÇA – UM PERFIL MILITAR PÓS-MODERNO[1]**

*Luís Marquês Saraiva[2]*

**2009/03/25**

### **A CIMEIRA DOS 60 ANOS DA NATO E A UNIÃO EUROPEIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/11/07**

### **ESDP IN STRATEGIC NEIGHBOURHOODS: PROMISES OF STABILITY THROUGH INTERNATIONAL MILITARY COOPERATION**

*Sandra Fernandes e Luís Saraiva*

**2008/07/28**

## **O KOSOVO E A PRISÃO DE RADOVAN KARADZIC**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/07/20**

## **O IMPASSE IRANIANO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/05/14**

## **A “NOVA” RÚSSIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/04/09**

## **A CIMEIRA DE BUCARESTE E O “ALARGAMENTO” DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/03/25**

## **O QUE SERÁ A RÚSSIA DE MEDVEDEV?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/02/12**

## **A INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO: UMA PERDA ESTRATÉGICA PARA A EUROPA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/02/01**

## **QUE ESPERAR DA CIMEIRA DE BUCARESTE?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/01/02**

## **AS IMPLICAÇÕES DO SISTEMA NORTE-AMERICANO DE DEFESA ANTIMÍSSIL PARA A EUROPA**

*Joana Gonçalves, Milena Batista, Sofia Alves e Tiago Maurício*

**2007/11/30**

## **KOSOVO: A ATRACÇÃO DA INDEPENDÊNCIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/09/17**

## **UCRÂNIA. ELEIÇÕES DENTRO DE DUAS SEMANAS**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/07/26**

## **DE UMA FORMA OU DE OUTRA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/07/02**

## **A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DA LITUÂNIA**

*Daniela Siqueira Gomes[1]*

**2007/06/25**

## **A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/05/25**

## **A HERANÇA ALEMÃ PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/05/19**

## **A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA: RESPONSABILIDADE DA NATO?[1]**

*Alexandre reis Rodrigues*

**2007/04/19**

## **THE TALIBAN THREAT IS NOT JUST AMERICA'S BURDEN[1]**

*Robert Hunter[2]*

**2007/04/01**

## **A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA. UM PROBLEMA PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/02/20**

**UMA PARCERIA COM A RÚSSIA. É POSSÍVEL PARA O CURTO PRAZO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/01/20**

**O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (III PARTE)**

*João Brandão Ferreira*

**2007/01/19**

**O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOEPOLÍTICAS (II PARTE)**

*João Brandão Ferreira*

**2007/01/18**

**O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (I PARTE)[1]**

*João Brandão Ferreira*

**2006/04/27**

**A SEGURANÇA ENERGÉTICA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/04/06**

**A SEXTA GUERRA DE INDEPENDÊNCIA**

*João Brandão Ferreira*

**2005/07/17**

**A PRESIDÊNCIA BRITÂNICA DA UNIÃO EUROPEIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/10/29**

**A AGÊNCIA EUROPEIA DE SEGURANÇA MARÍTIMA E A AUTORIDADE DO ESTADO NO MAR [1]**

*Francisco Duarte Lima*

**2004/10/12**

**UMA NOVA DOUTRINA DE SEGURANÇA PARA A EUROPA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/05/14**

**A DEFESA EUROPEIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/02/23**

**SEGURANÇA E DEFESA NA UNIÃO EUROPEIA; DO DESCONHECIMENTO À PROSPECTIVA**

*João Vieira Borges*

**2004/02/19**

**A UE E A RÚSSIA**

*António Silva Ribeiro*

**2003/09/30**

**PORTUGAL E A ZEE DA UNIÃO EUROPEIA**

*João Vieira Borges*